

## APRESENTAÇÃO

### Dossiê Quadrinhos e EUA

A proposta deste dossiê surgiu da necessidade de aprofundar o estudo das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos como uma fonte e objeto de natureza histórica para o estudo desse país. Os quadrinhos têm sido desde o começo do século XX uma forma de expressão artística e narrativa amplamente difundida, consumida e debatida nos EUA, desempenhando um papel significativo na construção do que poderia ser denominado como uma identidade nacional. Os quadrinhos também contribuem para tecer críticas, tanto por indivíduos (artistas) e coletivos (empresas) que, dentro de suas limitações, questionam e reconstróem modelos e ideias muitas vezes tidas como hegemônicas dando uma falsa visão de persistência temporal. Considerando esses aspectos, o dossiê coloca em evidência a interação entre os quadrinhos e dimensões culturais diversas dos EUA, abrangendo questões históricas e historiográficas.

A proposta surgiu também de uma inquietação diante dos inúmeros clichês, estereótipos e interpretações reducionistas que não levam em consideração a complexidade e diversidade das representações culturais e sociais expressas nos e pelos quadrinhos oriundos desse país. Tais clichês e

estereótipos dialogam e alimentam vícios que permeiam ainda livros de alcance mais geral sobre quadrinhos nos Estados Unidos e até mesmo estudos acadêmicos sobre as produções desse cenário. Um deles, por exemplo, é o esquema centrado em marcos arbitrários como o das Eras de ouro, prata e bronze, periodizações estas aplicadas de forma superficial e naturalizada, sem uma análise crítica de suas limitações e ajuizamentos. São marcos da própria indústria que foram popularizados e adotados como referência, estabelecendo categorias temporais que se baseiam em critérios como popularidade e de um esforço de memória que, no geral, é de natureza arbitrária. A proposta do dossiê também se alinha com uma tentativa de romper visões maniqueístas e superdimensionamentos que costumam fazer parte de análises, como aquelas em torno de figuras do meio com um Fredric Wertham ou mesmo sobre o tamanho do peso cultural de uma EC Comics, por exemplo. Geralmente, o psiquiatra alemão radicado nos EUA é apresentado como um “espantalho” ou “vilão” e menos como parte integrante de um contexto e livre de maniqueísmos. Já a EC Comics, como lembrou um dos pareceristas consultados diante de um artigo que superdimensionava o papel da editora, era, em todos os sentidos, uma empresa de porte reduzido que conquistou uma reputação e destaque desproporcional em relação ao seu tamanho durante os anos 1950. Esses vícios demonstram, além da pouca ou nenhuma leitura da bibliografia internacional mais recente sobre temas dos Estados Unidos, como a perpetuação de certas narrativas - oriundas, particularmente, do mercado - continuam a influenciar e moldar a compreensão da história dos quadrinhos nesse país e, por vezes, limitam significativamente possibilidades de uma compreensão mais historicizada do papel dos quadrinhos na cultura e sociedade norte-americana.

Em nossa proposta, enfatizamos na ocasião da chamada por artigos o interesse por reflexões que se concentrassem nos cenários de produções

independentes por região e suas conexões; análises que questionassem os "ídolos de origem" e a construção de "pioneiros", "cânones" e "gênios" / "figuras à frente de seu tempo"; textos dedicados à construção de uma "história dos de baixo" a partir dos quadrinhos, com ênfase em autorias femininas, negras e fora do padrão heteronormativo no contexto estadunidense; esforços que situassem os quadrinhos de super-heróis e de outros gêneros como fontes e objetos para estudos históricos, refletindo sobre a forma como os estadunidenses, de forma individual ou coletiva, se representam e dialogam com seu contexto social e político; análises que considerassem trânsitos culturais, a partir da entrada de quadrinistas de outros países no mercado editorial dos EUA (com relação a esse ponto, sugerimos estudos de caso para além da chamada "Invasão britânica", tendo em vista a entrada de artistas latino-americanos, asiáticos e africanos); estudos sobre tradições ainda pouco abordadas no âmbito dos estudos de quadrinhos, como seria o caso de quadrinhos de romance, de animais, de terror e de comédia/humor; trabalhos que tematizassem a relação entre as HQs estadunidenses com outras linguagens e campos do entretenimento no país, dentro de uma perspectiva histórica; e abordagens de natureza teórico-metodológica no campo da História que criticassem a dependência excessiva de fontes de internet, a ingenuidade diante de entrevistas e a ausência de pesquisa documental para abordar esse cenário de produções. A proposta também foi colocada para abarcar trabalhos que, mesmo não fossem de autores dos EUA, explorassem representações sobre esse país sob uma perspectiva histórica. Foram algumas preocupações que apresentamos ao propor o dossiê, preocupações que ainda existem, dado ao constante desenvolvimento e peso cultural dos quadrinhos e da própria sociedade estadunidense, mas também à forma como estudiosos nem sempre levam em consideração o potencial das histórias em quadrinhos como fontes históricas. Muitas vezes, as HQs, como esse gênero é conhecido em nosso país, são vistas apenas como entretenimento

ou como manifestações artísticas isoladas, ignorando seu potencial como expressão e registro das dinâmicas sociais, políticas e culturais de determinado período. Torna-se necessário então estudos que dialoguem com a historiografia, que considerem obras produzidas no contexto dos Estados Unidos.

É também indicado, acreditamos, que os quadrinhos dos EUA sejam examinados considerando aspectos culturais do país, como, por exemplo, a língua de origem. Soa questionável e até mesmo pouco ou nada acadêmico na pesquisa sobre os Estados Unidos e nas produções que representam esse país considerar quadrinhos traduzidos como fontes primárias. Analogamente, seria comparável em uma pesquisa sobre a relação entre História e Cinema a analisar um filme dublado em vez do original. Apesar de existirem tradutores competentes, é importante ressaltar que nem sempre as nuances e particularidades da obra original são devidamente mantidas ou mesmo reconhecidas por esses profissionais em suas traduções (aqui não falamos apenas de tradutores, mas também de editores). Muitos dos profissionais do mercado ou cena brasileira não têm contato com referências da história dos Estados Unidos e até mesmo “mutilam” e adaptam textos, se julgarem que o leitor não irá compreender e/ou se for necessário para atender a determinados padrões editoriais. Assinalar isso não significa desconsiderar completamente os quadrinhos traduzidos, que podem ser abordados de forma complementar e comparativa, nem desqualificar a importância desses profissionais. Ressalta-se, no entanto, que se tenha um cuidado especial em avaliar as implicações de uma tradução e suas possíveis influências na interpretação das obras.

Cabe aqui dizer que alguns dos trabalhos que foram recusados para inclusão neste dossiê basearam-se, principal e essencialmente, em quadrinhos traduzidos, até mesmo corroborando alguns equívocos tradutórios que comprometiam a abordagem histórica proposta. Diante de uma mensagem distorcida ou mal interpretada devido à uma péssima tradução, identificada por

pareceristas, alguns artigos inclusive, como evidenciamos, precisariam ser refeitos totalmente. Imaginemos um trabalho que se preste a examinar uma obra como *Krazy Kat*, de George Herriman, publicada originalmente em jornais norte-americanos entre 1913 e 1944. Trata-se de uma obra marcada por processos de crioulização linguística e cultural<sup>1</sup>, que dificilmente poderiam ser negligenciados em uma “boa tradução”. Afinal, é uma obra de um outro contexto histórico e linguístico. Nas tiras de Herriman vemos, por exemplo, diferentes registros - não apenas o inglês do começo do século XX, mas outros que variam do espanhol ao creole da Louisiana (no qual elementos da língua francesa aparecem em diálogo com outros, de origem africana), passando pelo iídiche e também pela grafia “italianizada” de algumas palavras em inglês. Há expressões características da cultura indígena Navajo e termos irlandeses. Também é possível observar outro padrão de pontuação ou mesmo de gramática. Imaginem um trabalho de História lidando de forma acrítica com uma versão traduzida/adaptada em que um editor, por total desconhecimento, interprete esses aspectos culturais intrínsecos à obra como “erro” ou “desleixo” da parte de Herriman, como se o autor “escrevesse errado”. Infelizmente não recebemos nenhum trabalho sobre *Krazy Kat*, mas ao analisar uma obra traduzida como essa, torna-se necessário se apoiar no original para compreender, por exemplo, aspectos importantes da cultura creole da Louisiana, em nível particular, ou de seu contexto mais amplo. O ponto que gostaríamos de destacar com esse exemplo e nesta apresentação é a necessidade dos estudiosos priorizarem as obras na(s) língua(s) de origem, para que possam

---

<sup>1</sup> Aqui nos referimos aos processos pelos quais a linguagem e a cultura se misturam e se influenciam mutuamente, resultando em uma forma única de expressão. A crioulização linguística ocorre quando diferentes elementos linguísticos e culturais se fundem, criando um novo sistema comunicativo através de hibridização em nível cultural. Esse fenômeno pode ser observado em contextos de contato linguístico intenso, como nas comunidades multilíngues e nas áreas historicamente marcadas pela colonização e escravidão, onde as línguas se encontram, se entrelaçam e se transformam.

refletir também sobre nuances linguísticas e sobre o contexto cultural de produção das obras. Em outras palavras, é preciso reconhecer a importância da análise contextual e das especificidades culturais intrínsecas às obras em sua língua de origem. Dessa forma, a investigação dos quadrinhos americanos como fonte histórica ganharia maior profundidade.

Outro ponto que levou à recusa de alguns textos submetidos foi o uso inadequado de conceitos históricos ou até mesmo a falta de uma abordagem historiográfica alinhada com o contexto intelectual e político estadunidense - que, vale frisar, não é o mesmo do Brasil e ou de algum país da América Latina, como a Argentina. Evidentemente, há pesquisas de historiadores e cientistas sociais brasileiros que abordam e discutem bem as problemáticas dos EUA. No entanto, para certos temas específicos elas podem ser insuficientes. Por isso, o uso de uma bibliografia histórico-conceitual originária dos Estados Unidos é fundamental para produzir uma análise minimamente aprofundada. Infelizmente, vários dos textos não publicados aqui falharam nesse aspecto e eram submissões de doutores e pós-doutores. Esse tipo de explanação pode soar inadequado para a apresentação de um dossiê, mas consideramos necessário destacar esses problemas, que alguns podem considerar pouco relevantes, pois entendemos que são erros recorrentes em pesquisas que visam entender ou discutir os EUA. Se você pretende estudar um outro país tem que mergulhar a fundo em sua cultura e história. E muitos dos trabalhos que foram enviados ficaram apenas na parte mais rasa.

Nosso objetivo com este dossiê é fomentar análises críticas e reflexivas que problematizassem questões-chave como as colocadas acima. Os artigos que publicamos aqui são aqueles que se destacaram por abordar essas temáticas de forma consistente e mais coerente com os aspectos historiográficos tanto das Histórias em quadrinhos quanto dos Estados Unidos.

O primeiro texto que abre o dossiê é **“Whitewash Jones e o lugar do**

**negro na Timely Comics durante o esforço de guerra”, de Arthur Gibson Pereira Pinto.** O texto discute a representação do personagem negro Whitewash Jones. O autor analisa o contexto político e social da época, destacando a função política dos quadrinhos e a forma como eles foram utilizados para promover o esforço de guerra e reforçar a ideia de unidade nacional nos Estados Unidos. Apesar do grupo de personagens Young Allies ser concebido como uma representação inclusiva, buscando retratar uma sociedade harmoniosa em termos raciais, o personagem Whitewash Jones é analisado como uma representação que reforça estereótipos negativos relacionados à população negra americana. O autor destaca o nome do personagem, Whitewash, e sua aparência baseada nas tradições do blackface, incluindo lábios exagerados e variação na cor da pele nas diferentes representações. O estudo de Pereira Pinto situa-se em um contexto mais amplo, podendo ser de extrema importância para examinar a representação de personagens negros nos quadrinhos de forma mais contextualizada, e analisando seu impacto político e social. Não se trata aqui apenas de conceber os quadrinhos como suporte de ideias, mas como práticas que dialogavam com as percepções da população em relação aos negros naquela época.

**“Muito mais do que os heróis tradicionais: A revista *Comedy Comics* e o personagem “Super Rabbit” durante a Segunda Guerra Mundial”, de Victor Callari,** é o segundo texto do dossiê. É um artigo que visa a contribuir para a compreensão da relação entre revistas em quadrinhos e o conflito em escala global entre os anos de 1939 e 1945. Para tanto, Callari examina as representações do conflito nesse meio, identificando elementos comuns entre os diferentes gêneros presentes nas publicações da época - em particular, em revistas dos gêneros de super-heróis e animais antropomorfizados. O texto inicialmente discorre sobre as estratégias de representação, estereótipos e convenções sobre a Segunda Guerra encontradas em diversas revistas em

quadrinhos protagonizadas por super-heróis tradicionais para logo a seguir verificar se também aparecem em publicações voltadas para um público mais jovem e protagonizadas por animais antropomorfizados. O artigo destaca a importância dessas publicações no imaginário político estadunidense ao longo das últimas oito décadas.

A seguir temos o texto **“A Segunda Guerra Mundial e o ataque de Pearl Harbor nas Histórias em Quadrinhos”**, dos historiadores Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho, Felipe Radünz Krüger e Mario Marcello Neto. O artigo analisa como as produções da época representavam personagens nacionalistas enfrentando as forças do Eixo, refletindo o posicionamento dos Estados Unidos em relação ao conflito. Após o ataque a Pearl Harbor, houve, conforme os autores demonstram, uma intensificação da representação do intervencionismo nacional americano nas capas de revistas em quadrinhos, evidenciando uma mudança de posicionamento e a necessidade de uma reação militar. Os autores comparam ainda as produções dos Estados Unidos com os mangás japoneses do mesmo período e seu nacionalismo exacerbado, buscando estabelecer uma análise comparativa entre as representações e ideologias presentes nas histórias em quadrinhos de ambos os países. O artigo utiliza conceitos de estudiosos como Benedict Anderson, Jacques Rancière e Richard Hofstadter para inferir que tanto nos EUA quanto no Japão, mesmo em lados opostos da guerra, as estruturas do nacionalismo e patriotismo estão presentes, levando ao uso de recursos militaristas e ufanistas para unir as pessoas em prol da causa da guerra. Trata-se de um artigo interessante e que pode interessar no tocante às perspectivas comparativas e conectadas, bem como à influência das histórias em quadrinhos na construção, propaganda e disseminação de ideologias durante a Segunda Guerra Mundial.

**“Reimaginando heróis do passado: A Atmosfera da Segunda Guerra Mundial em *Battle Hymn*”**, texto de Márcio dos Santos Rodrigues, aborda

como a série de quadrinhos da Image Comics publicada no começo dos anos 2000, reimagina e utiliza arquétipos de super-heróis dos anos 1940, como Namor, Capitão América e Tocha Humana, para explorar temas como o nacionalismo em seu contexto de produção e a atmosfera histórica da Segunda Guerra Mundial. Este artigo do dossiê, além de examinar como a narrativa de "Battle Hymn" apresenta novos personagens para abordar questões sociais e políticas ligadas ao contexto da Segunda Guerra Mundial, discute a influência dos quadrinhos na construção e desconstrução de símbolos na sociedade estadunidense. Rodrigues destaca a relação entre tradição e inovação na série, com personagens que mantêm uma base de inspiração nos super-heróis do passado, ao mesmo tempo em que são reinterpretados e atualizados para o contexto contemporâneo. O artigo chama a atenção também para como a apropriação e ressignificação de arquétipos é uma prática comum no mercado de quadrinhos, permitindo a criação de novos repertórios culturais ao longo do tempo, que se adaptam, dependendo do contexto ou de intencionalidades, às mudanças sociais e culturais. "*Battle Hymn*", como demonstra Rodrigues, exemplifica esse processo de apropriação e ressignificação, recorrendo a formas visuais e esquemas narrativos pré-existentes para construir uma narrativa que dialoga tanto com o contexto político de seu tempo quanto com a memória coletiva em torno de um evento. É um artigo que pode servir de interesse aos historiadores dos Estados Unidos, pesquisadores de quadrinhos, mas também aos acadêmicos dos estudos culturais.

O artigo a seguir, intitulado "**O Segredo dos Castelos dos Patos nos Quadrinhos Disney**", de **Marcus Vinicius de Paula e Lucas Almeida de Melo**, analisa três características que influenciaram o design da Família Pato nas histórias em quadrinhos da Disney: a iconografia zoomórfica, o caráter "atemporal" das narrativas e a ancestralidade medieval. A reflexão começa com uma crítica aos comentários de Ariel Dorfman e Armand Mattelart em "Para ler

o Pato Donald", sobre como esses personagens lidam com o tempo. O autor argumenta que os personagens Tio Patinhas e Pato Donald, criados pelo estadunidense Carl Barks, são essencialmente contemporâneos, expressando os anseios e questionamentos do próprio criador em relação à sua época. Ao colocar esses aspectos, o artigo explora simbolismos e a relação entre o homem e o animal no âmbito mais geral da cultura americana, em um dado momento editorial. Trata-se de um artigo que analisa como os elementos simbólicos e narrativos presentes nas histórias em quadrinhos podem influenciar a percepção histórica. O texto levanta questões sobre a construção do passado e a interseção entre elementos contemporâneos e referências históricas, servindo de referência importante para se pensar como os quadrinhos dialogam com temáticas históricas. Além disso, o artigo destaca as diferentes abordagens de artistas e como suas escolhas estéticas e temáticas podem influenciar a forma como o passado é representado e compreendido. Isso abre espaço para uma análise crítica da relação entre história, cultura e produção de significados na sociedade.

**"Para Além de Wertham: As campanhas antiquadrinhos do pós-Segunda Guerra Mundial"**, artigo de **Rodrigo Cardoso Polatto**, analisa as campanhas contra as revistas em quadrinhos nos Estados Unidos durante o contexto dos anos 1950 e, em menor grau, nas décadas seguintes. O autor argumenta que a importância atribuída ao psiquiatra Fredric Wertham, conhecido por associar os quadrinhos à delinquência juvenil, no processo que levou à implementação do Comics Code (Código dos quadrinhos), é "superdimensionada". Para tanto, Polatto consulta as fontes da época, os diferentes discursos que circulavam pela sociedade estadunidense, esboçando preocupação um tanto distinta da posição dominante na pesquisa de quadrinhos, que tende a enfatizar a figura de Wertham como o principal motor das campanhas. Esse superdimensionamento inclusive aparece nos escritos de

pesquisadores acadêmicos de quadrinhos brasileiros. O autor defende que as campanhas antiquadrinhos foram resultado de conjunturas históricas específicas, incluindo o contexto da Guerra Fria, os problemas sociais pós-Segunda Guerra Mundial e os desenvolvimentos da indústria de quadrinhos na década do pós-guerra. Polatto nos informa que é preciso considerar o clima doméstico dos EUA gerado pela Guerra Fria, a eclosão de problemas sociais e desenvolvimentos na indústria de quadrinhos no pós-guerra para se entender as campanhas. Deste modo, o artigo desmistifica a participação do “famigerado psiquiatra” no movimento contra os quadrinhos. Além disso, o artigo explora a crise da família nuclear tradicional no pós-guerra, causada pela emancipação feminina e altas taxas de divórcio, como um elemento que dialogou com as campanhas antiquadrinhos nos EUA. A busca por segurança e estabilidade familiar em um mundo incerto levou as pessoas a se voltarem para o ambiente doméstico e a verem os quadrinhos como uma potencial influência negativa sobre as crianças e a juventude.

O texto a seguir, **“Capitão América vs. Capitão América: Disputas sobre a “real” imagem dos Estados Unidos”**, de **Rodrigo Pedroso**, apresenta uma análise sobre o personagem criado por Joe Simon e Jack Kirby e sua importância como personagem icônico. Criado durante a Segunda Guerra Mundial, mesmo os EUA não estando oficialmente no conflito, ele se tornou, como demonstra Pedroso, um símbolo patriótico, representando ao longo de sua trajetória os valores, ideais e até mesmo as contradições dos Estados Unidos. O texto de Pedroso se concentra em um aspecto particular do Capitão América: as narrativas em que ele se confronta com outras versões de si mesmo nas décadas de 1970 e 1980. Esses confrontos podem assumir diferentes formas, como Steve Rogers, o alter ego do Capitão América, sendo substituído por outros personagens. Essas situações permitem explorar questões de identidade, moralidade e os valores que o personagem representa para o país no âmbito do

imaginário político. É uma leitura recomendada para aqueles interessados em estudar os aspectos culturais e políticos dos quadrinhos, bem como sua capacidade de reinterpretar e refletir sobre conceitos políticos.

A seguir temos a contribuição da historiadora **Bruna Amanda Godinho Rocha**, "**Diálogos entre os quadrinhos de super-heróis e o movimento feminista estadunidense**". O artigo investiga com profundidade a representação feminina nos quadrinhos de superaventura, com foco nas principais editoras dos Estados Unidos, como a Marvel e a DC Comics. A autora assinala que, embora os quadrinhos tenham sido um espaço de debate sobre questões sociais, políticas e culturais, somente a partir da década de 1960, devido ao crescente interesse acadêmico, eles começaram a ser analisados como manifestações artísticas com potencial de crítica, manutenção ou até mesmo subversão dos modelos tradicionais estabelecidos e naturalizados. O estudo de Bruna Godinho Rocha busca examinar como os quadrinhos dialogam com os movimentos feministas, influenciando e sendo influenciados, bem como a inserção e representação das mulheres nos quadrinhos de super-heróis. Para embasar a pesquisa, a autora recorre aos estudos sobre o movimento feminista e seus impactos na sociedade, buscando compreender de que maneira o universo das histórias em quadrinhos expressa e molda a percepção social do papel das mulheres. O artigo é uma contribuição importante no campo dos estudos de quadrinhos e gênero, uma vez que analisa as complexidades da representação feminina nesse meio. Serve inclusive para que se pense e repense o modo como formas de arte dialogam com as normas de gênero na sociedade estadunidense.

O texto seguinte, de **Lucas Silva da Oliveira**, trata da análise do arco de histórias do personagem Juiz Dredd intitulado "América", publicado entre 1990-1991 na revista *Judge Dredd The Megazine*. Oliveira explora em "**A América está morta: Juiz Dredd como uma sátira autoritária aos Estados Unidos**" como o personagem se traduz como uma sátira tanto à retórica de Lei e Ordem do

Partido Conservador britânico quanto aos Estados Unidos. Através de um cuidadoso exame histórico, o autor aborda como o personagem britânico critica e subverte os valores normalmente atribuídos aos EUA, como a liberdade e a igualdade. O texto também discute o contexto social, político e econômico dos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980, bem como a ascensão da nova direita e a implementação do neoliberalismo no país. É um texto que pode servir aos estudiosos de quadrinhos, história política e crítica social. Ao analisar o arco de histórias "América", o autor oferece uma perspectiva interessante sobre como o personagem Juiz Dredd é utilizado como uma ferramenta de crítica e sátira em relação aos Estados Unidos.

O texto de **Clóvis Gruner** trata da análise da história em quadrinhos "À sombra das torres ausentes" de Art Spiegelman, publicada originalmente em 2004. A obra em questão retrata o atentado às Torres Gêmeas do World Trade Center em 11 de setembro de 2001 e de seus impactos na sociedade e na memória coletiva. O autor do texto "**Terror, memória e trauma em À sombra das torres ausentes, de Art Spiegelman**" destaca a importância da obra do quadrinista em abordar um evento tão traumático e complexo, buscando compreender suas representações visuais e narrativas. O artigo examina a trajetória da obra no mercado editorial e discute as imagens criadas por Spiegelman a partir da noção de acontecimento sem precedentes de Jacques Derrida. Também analisa como a narrativa do quadrinista estabelece relações com o tempo histórico e a memória traumática, utilizando conceitos de montagem e remontagem de imagens. O texto destaca as dificuldades enfrentadas na publicação devido ao contexto político pós-11 de setembro e compara a obra com "Maus", anteriormente produzida por Spiegelman. Trata-se de um estudo relevante que visa não apenas compreender a representação do atentado, mas fornecer elementos para a recepção crítica da obra.

O artigo "**Os Fumetti Tex Willer – leituras e apropriações**

**transnacionais do mito do cowboy estadunidense no Tempo Presente”** tem como foco as histórias em quadrinhos do personagem Tex, criado na Itália por Giovanni Luigi Bonelli e Aurelio Galleppini e atualmente produzidas pela Sergio Bonelli Editore (SBE) desde 1948. Os autores, **Emerson César de Campos** e **Aline Ferreira Antunes**, analisam as relações entre os fumetti (quadrinhos italianos) do personagem Tex Willer e o cinema western clássico e spaghetti, explorando conceitos como hibridismo cultural e convergência cultural. São examinadas as performances dos leitores e fãs brasileiros da revista, incluindo suas interações por meio de cartas, posts em redes sociais, tatuagens, objetos pessoais e cosplays dos personagens. Os autores, a partir disso, examinam as representações dos Estados Unidos e do mito do cowboy estadunidense, discutindo como as influências que permeiam os quadrinhos de Tex e seus leitores estão associadas, em maior ou menor grau, à cultura americana. O artigo aponta para a ressignificação dessas representações dos Estados Unidos e do *cowboy* no contexto italiano, através da criação de personagens e histórias adaptadas para o público italiano. Ao mesmo tempo, ressalta a presença do *cowboy* estadunidense como uma figura icônica que transcende fronteiras e é replicada e reinterpretada em diversas produções culturais.

O artigo de **Celbi Pegoraro** trata da apropriação histórica e interpretação de Davy Crockett pelos estúdios Disney, incluindo a minissérie e a representação do personagem em histórias em quadrinhos. Davy Crockett foi introduzido como um personagem de ação real por Disney na década de 1950, sendo um dos primeiros protagonistas de “carne e osso” do estúdio. O texto **“Davy Crockett, apropriação histórica americana e sua interpretação pelos estúdios Disney”** explora a lógica histórico-cultural por trás da produção, analisando a relação entre história e gêneros da cultura da mídia na formação da memória coletiva e identidade cultural. Pegoraro investiga a importância desse personagem e sua conexão com o mito da fronteira na cultura americana.

O mito da fronteira refere-se à ideia de conquista do Oeste americano e é uma parte fundamental do tecido social dos Estados Unidos. Utilizando fontes bibliográficas e documentais, o estudo examina as complexas dinâmicas que moldam narrativas históricas dentro da cultura popular e da indústria cinematográfica.

Por último, temos uma resenha crítica de uma publicação recente sobre a história dos quadrinhos dos Estados Unidos, inclusive premiada pela cena/mercado de quadrinhos em nosso país. A resenha de **Márcio dos Santos Rodrigues** aponta uma série de equívocos editoriais e problemas teórico-metodológicos presentes no livro "História dos Quadrinhos: EUA" de Diego Moreau e Lulu Machado, lançada pela editora Skript. Rodrigues destaca como principais problemas a falta de teorizações adequadas, ausência de referências bibliográficas no corpo e um modelo de pensar história que se prende a uma narrativa linear e superficial, não se aprofundando nas complexidades e nuances intrínsecas ao universo dos quadrinhos dos Estados Unidos. Rodrigues observa que, embora o livro seja apresentado como destinado ao grande público, a obra falha em fornecer questões básicas, como uma abordagem contextualizada e por se prender a clichês e discursos simplistas, prontos para questões hoje inclusive problematizadas e até mesmo refutadas no campo dos estudos de quadrinhos. A resenha destaca a falta de diálogo com pesquisas recentes e até obras mais antigas importantes no campo dos quadrinhos nos Estados Unidos, evidenciando a pesquisa inconsistente dos autores. Esses equívocos editoriais e problemas teórico-metodológicos comprometem a contribuição do livro para o estudo da história dos quadrinhos e dos Estados Unidos, limitando a compreensão e a análise do tema. Trata-se de uma resenha que serve não para criticar o livro, mas para alertar os leitores e pesquisadores sobre a importância de abordagens profundas, contextualizadas e bem referenciadas ao lidar com a história dos quadrinhos.

Gostaríamos de agradecer a todos os pesquisadores que submeteram os textos - ao todo foram 23 propostas apresentadas -, bem como aos/às pareceristas que contribuíram com seu tempo e expertise para garantir a qualidade deste dossiê. Esperamos que este dossiê seja útil para acadêmicos, estudantes em formação, e entusiastas dos quadrinhos, promovendo a compreensão mais profunda da história dos quadrinhos dos Estados Unidos, assim como suas ramificações culturais e sociais.

Boa leitura.

Os organizadores

*Márcio dos Santos Rodrigues*  
*Rodrigo Aparecido Araújo Pedroso*